

LINGUASAGEM

O PODER DA CONTRAPALAVRA: A ESTABILIZAÇÃO DE DISCURSOS RACISTAS EM MEMES

Izabella Ohana Chagas Monteiro¹
Alexandre Ferreira da Costa²

RESUMO

A língua, por seu caráter ideológico, contribui para criar formas de exclusão, pensando nisso, torna-se fundamental perceber que o racismo manifesta-se nas interações diárias coletivas. Atualmente, esse processo acontece virtualmente, pensando nisso, a partir da coleta de memes com discursos racistas, convém analisar a contrapalavra gerada por eles como forma de estabilização discursiva e manutenção ideológica. Para tal, esta discussão objetiva reconhecer e discutir como expressões racistas contidas no gênero textual meme em redes sociais contribuem para a estabilização de discursos racistas. A base teórica pautou-se em estudos da área da Análise do Discurso, a saber: Bakthin (2016), Foucault (1996), Fairclough (2001) e Volóchinov (2021). Metodologicamente, trata-se das pesquisas bibliográfica e de estudo de caso – por meio de análises de memes em redes sociais. Além disso, o estudo caracteriza-se como abordagem qualitativa, de natureza aplicada e exploratória. Percebeu-se que, a partir da análise dos memes em questão e dos comentários gerados por outros usuários da rede social *TikTok*, a dialogia e a alternância de sujeitos atuam como consolidadoras dos discursos racistas enquanto ordem social naturalizada. Neles, foi possível notar que os usuários respondentes aos memes não só contribuem, mas relativizam o racismo, o que contribui para que esse cenário seja perpetuado. Dessa forma, depreende-se que os memes verbo-imagéticos circulantes na internet não são meros conteúdos humorísticos inofensivos. Eles funcionam como depósitos ideológicos, servindo como ferramentas para forças hegemônicas consolidarem-se socialmente pelo eixo da raça. Através dos memes, essas ideologias racistas se propagam sutilmente, naturalizando estereótipos e preconceitos raciais.

PALAVRAS-CHAVE: Ideologias linguísticas; Raciolinguismo; Análise do discurso; Memes racistas.

ABSTRACT

The language, by its ideological character, contributes to creating forms of exclusion, considering this, it becomes fundamental to realize that racism, rooted in society for centuries, manifests itself in daily collective interactions, naturalizing racial prejudice. In the present, this process also happens virtually, thinking about it, from the collection of memes with racist speeches, it is advisable to analyze the counterword generated by them as a form of discursive stabilization and ideological maintenance. To this end, this discussion aims to recognize and discuss how racist

¹ Mestranda em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás. Especialista em Linguagens e suas tecnologias pela Universidade Federal do Piauí (2024). Graduada em Letras pela Universidade Federal de Goiás (2023). Docente da Secretaria Estadual de Educação de Goiás. E-mail: izblloh@discente.ufg.br.

² Pós-doutor em Linguística pela Universidade de Brasília (2015), Doutor em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (2007), Mestre em Linguística pela Universidade de Brasília (1999) e Graduado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1994). Docente do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás. E-mail: alexandrecoستا@ufg.br.

expressions contained in the meme textual genre on social networks contribute to the stabilization of racist discourses. The theoretical basis is founded in discourse analysis: Bakhtin (2016), Foucault (1996), Fairclough (2001) e Volóchinov (2021). Methodologically, it is bibliographical research and case study, through meme analysis in social networks. Moreover, the study is characterized as a qualitative approach, applied and exploratory. It was noticed that from the analysis of the memes in question and the comments generated by users of TikTok, the dialog and the alternation of subjects act as consolidators of racist discourses as a naturalized social order. In them, it was possible to note that users who responded to the memes not only contribute but relativize and satirise racism, which contributes to this scenario being perpetuated. As a result, it is understood that the imagetic-verb memes circulating on the internet are not mere harmless humorous content. They function as real deposits of ideologies, serving as tools for hegemonic forces to consolidate themselves socially through the axis of race. Through memes, these racist ideologies propagate in a subtle and often imperceptible way, naturalizing racial stereotypes and prejudices.

KEYWORDS: Linguistic ideologies; Raciolinguism; Discourse analysis; Racist memes.

Introdução

A pesquisa em voga tem como objeto a contrapalavra como impulsionadora da estabilização de discursos racistas nas redes sociais, por meio de memes, contribuindo para a manutenção de hierarquias raciais no Brasil e na subalternização de corpos não-brancos. Dessa maneira, para o alcance de tal compreensão, é necessário partir da concepção de que “falar é existir absolutamente para o outro” (Fanon, 2008, p. 33), e também de que todos “os campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem” e que “o emprego da língua se efetua em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos” (Bakhtin, 2016, p. 11). A partir disso, convém questionar de que forma as pessoas negras são construídas enquanto sujeitos, por meio da língua, no momento do enunciado.

Assim sendo, verifica-se, conforme indicam Bauman e Briggs (2003, p. 44), que “a língua se tornou um meio fundamental para criar novas formas de exclusão e sua conversão ideológica em meio de explicação da suposta falha intelectual e moral de mulheres, pobres, camponeses e não-europeus”. Sob tal perspectiva, o corpo branco, especialmente o masculino e europeu, é universalizado como o padrão, como o detentor de poder e do lugar de privilégio nas hierarquias sociais, portanto, podendo ditar e criar suas próprias ideologias linguísticas. Não somente isso, mas sendo permitido a ele também articular determinado discurso em detrimento de outro, isso porque o discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem (Fairclough, 2001).

Seguindo essa linha de raciocínio, torna-se fundamental perceber que o racismo, enraizado na sociedade há séculos, manifesta-se nas interações diárias – não se limitando ao âmbito individual, mas sim ao coletivo – muitas vezes, de forma sutil e velada, naturalizando o preconceito, pois “uma sociedade é racista ou não é” (Fanon, 2008, p. 85), não existe meio termo. Compreende-se, sob esse viés, que a linguagem cotidiana, assim como a própria vida, reflete os valores culturais e morais da sociedade em que se encontra, transmitindo e reforçando a discriminação. Dessa forma, essas agressões discursivas, embora imperceptíveis para alguns, causam a manutenção do sofrimento e subalternização da população preta. Dado isso, o sujeito emerge no momento do enunciado, seja ele dotado de racismo ou não, e a dialogia existente entre tais sujeitos promove o que se denomina de contrapalavra: a ação responsiva provocada pelo primeiro discurso.

Nesse contexto, este artigo apresenta uma análise e discussão acerca de expressões racistas presentes em memes da rede social *TikTok*; a hipótese, então, é que, por meio do estudo e exposição crítica das expressões racistas em memes, seja possível compreender como ocorre a estabilização de discursos racistas por meio da contrapalavra, promovendo, dessa maneira, uma hierarquização social, sendo capazes de tornar visíveis as situações de violência às quais a população preta é submetida em seu cotidiano.

Diante dessa perspectiva, infere-se que essa discussão tem como objetivo geral reconhecer e discutir como expressões racistas contidas no gênero textual meme em redes sociais, assim como suas contrapalavras, contribuem para a estabilização de discursos racistas. Especificamente, busca-se descrever os conceitos de enunciado, discurso e contrapalavra; reconhecer os mecanismos de hierarquização racial por meio da língua; analisar, através de memes no *TikTok*, como discursos racistas se estabilizam e investigar o poder de reverberação desse tipo de discurso nos ambientes virtuais por meio da contrapalavra.

As palavras carregam consigo estigmas e conotações negativas que representam as hierarquias sociais presentes em cada época, portanto, o estudo do enunciado e da contrapalavra deste torna-se fundamental nesse contexto. Sobre isso, Fairclough (2001) expõe que o discurso como prática política estabelece, mantém e transforma as relações de poder e as entidades coletivas. O discurso como atividade ideológica constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder. Um exemplo disso é a palavra *preto*, que é utilizada frequentemente de forma pejorativa ligada a uma longa tradição racista. Lima (2023, p. 17) coaduna tal

pensamento ao indicar que “diversas expressões retratam a pele clara como sinônimo de atributos positivos, como pureza e honestidade, enquanto a cor preta é associada a algo impuro, assustador e difícil”.

A escolha do meme se deu pois, com o crescimento exponencial das interações virtuais, tornou-se crucial ir além do mero acesso aos conteúdos digitais. É importante analisarmos como esses conteúdos são processados, interpretados e internalizados, moldando nossa percepção do mundo. Partindo desse pressuposto, esse também é um gênero textual popular entre os jovens, porque se refere ao consumo e à célere disseminação de uma ideia particular materializada em textos multissemióticos ou outros artefatos culturais (Moreira; Lima; Batista Júnior, 2021). Além disso, é comum encontrar memes que veiculam e reproduzem discursos preconceituosos e de ódio disfarçados de humor inocente, reconfigurando novas práticas racistas e estimulando a discriminação.

Essas concepções conferem um aspecto de relevância central para as discussões aqui elencadas. Nesse sentido, a presente discussão se justifica pela constatação de um problema atrelado à sociedade, com raízes coloniais, e ao uso de redes sociais: a veiculação de expressões racistas por meio de memes, fato que deve ser visto e analisado nas relações sociais brasileiras atuais, visto que esse tipo de enunciado é naturalizado e exposto, muitas vezes, de forma sutil, criando estabilizações de enunciados e consequentemente, estruturas de hierarquização social permeadas pela raça. Isso porque a enunciação é de natureza social, portanto, ideológica (Volóchinov, 2021).

Metodologicamente, serão utilizadas pesquisas bibliográficas e de estudo de caso. A análise também apresenta abordagem qualitativa, de natureza aplicada e exploratória. A primeira etapa será realizada a partir do estudo do enunciado, discurso, contrapalavra e racismo linguístico, posteriormente será realizada uma análise linguístico-discursiva de expressões racistas presentes em memes, a partir de recortes presentes na rede social TikTok.

O discurso ideológico e a contrapalavra

“Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder” (Foucault, 1996, p. 10). O ponto abordado por Foucault (1996) indica o enorme poderio do discurso como forma de manifestar poder, o que é de grande valia para este estudo, principalmente ao considerar a construção dessas ideologias no processo colonizador, uma vez que a

valoração dos discursos é feita proporcionalmente à posição que ocupam as pessoas que o expressam, partindo da perspectiva do europeu, homem e branco. Nesse diapasão, é de suma importância destacar o apontamento de Foucault (1996, p.15) acerca do discurso:

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.

Sob tal ótica, Fairclough (2001, p. 91) indica acerca do mesmo tema:

Primeiro, implica ser o discurso um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação. [...] Segundo, implica uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social, existindo mais geralmente tal relação entre a prática social e a estrutura social: a última é tanto uma condição como um efeito da primeira. Por outro lado, o discurso é moldado e restringido pela estrutura social no sentido mais amplo e em todos os níveis: pela classe e por outras relações sociais em um nível societário, pelas relações específicas em instituições particulares, como o direito ou a educação, por sistemas de classificação, por várias normas e convenções, tanto de natureza discursiva como não-discursiva, e assim por diante.

Nesse sentido, percebe-se que o discurso tem raízes que evidenciam seu caráter não neutro. Sobre isso, Batista (2021, p. 83) apresenta uma definição da língua que vai ao encontro do pensamento abordado acima por Bakhtin:

Língua é um constructo ideológico que vem sendo mobilizado através dos séculos para articular a vida social. Ela é usada para organizar as relações sociais, para formar alianças e para construir as sociedades. Pensar a língua como ideológica não significa dizer que se trata de uma visão distorcida da realidade, mas de diversas formas de pensar e moldar a realidade. Dessa forma, ela é objeto de disputa e conflitos, pois é na língua que os grupos se organizam e disputam poder nas sociedades.

Assim sendo, nota-se que “a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos; é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (Bakhtin, 2016, p. 16-17). Diante dessa perspectiva, o seu caráter ideológico pode ser observado em distintos aspectos relativos à sociedade, haja vista que sua relação

intrínseca com a sociedade faz com que haja a naturalização, o controle e a estabilização enunciativa, visto que o discurso é socialmente constitutivo (Fairclough, 2001).

Dessa maneira, há a materialização dessa concepção em expressões linguísticas, o que torna imprescindível analisar o íntimo entrelaçamento entre língua e sociedade. Acerca disso, Foucault (1996, p. 10) contribui ao dizer que “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar”. Nesse sentido, torna-se notório que o discurso, bem como o enunciado, se manifesta por meio da língua de forma ideológica, o que promove a estabilização de discursos hegemônicos, muitas vezes, racistas.

Pinto (2018, p. 717), acerca dessa percepção, aponta que:

Muitas das ideologias linguísticas têm sido atadas a ideologias raciais na Modernidade como etiquetas linguísticas de sustentação de hierarquias raciais, como esquemas metapragmáticos de interpretação dos usos apropriados como “universais”, “racionais”, “brancos”, “ocidentais”, em oposição a usos “particulares”, “irracionais”, “negros”, “não ocidentais”.

Dessa forma, se a língua é um mecanismo imprescindível para as relações sociais, ela se consolida como uma das manifestações sociais em que se constituem as hierarquias sociais. No caso brasileiro, o eixo raça se intersecciona com língua de modo a produzir e fortalecer essas hierarquias sociais. Volóchinov (2021), por sua vez, faz um apontamento entre as relações hierárquicas na sociedade e a posição social de quem as dita.

A sociologia da linguagem trabalha a hierarquização social dos diferentes falares em uma comunidade. Nessa concepção, existem, sim, modos de falar pior e melhores, superiores e inferiores - não por alguma característica gramatical, sistêmica, linguística intrínseca que eles teriam - mas pelos papéis diferentes que são atribuídos a eles no jogo das sempre desiguais relações de poder vigentes na sociedade (Volóchinov, 2021, p. 63).

Dado isso, nota-se a impossibilidade de ignorar que as palavras ou expressões linguísticas que pronunciamos carregam consigo ideologias e marcas históricas específicas de um determinado contexto social. Partindo desse pressuposto, entende-se que todo enunciado é efetuado por dois seres - o locutor e o interlocutor - e a compreensão responsiva existente dessa relação dialógica reproduz contrapalavras que expressam tais estabilizações discursivas. Historicamente, percebe-se os sujeitos brancos aceitam e

reproduzem os valores sociais preconceituosos naturalizados na sociedade. Os indivíduos pretos, por outro lado, aprendem, muitas vezes, a internalizar e, até mesmo, a reproduzir os mesmos discursos, sendo subalternizados - seja por meio de grande sofrimento ou da produção de uma contrapalavra que corrobora e reafirma a hierarquia racial da qual são vítimas. Para Bakhtin (2016, p. 25),

de fato, o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante. Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante.

Dessa maneira, é importante pensar a ação discursiva responsiva provocada pelas ideologias linguísticas construídas para provocar a dominação de povos considerados inferiores, na colonialidade, nas hierarquias raciais que exercem controle sobre corpos vulnerabilizados mantidas até a atualidade. Dessa forma, o corpo negro é experimentado e submetido a condições de estigmatização e vulnerabilização advindas de uma ótica projetada pelo colonialismo, mas posta em prática e introjetada por ideologias linguísticas que trabalham em favor do estabelecimento de hierarquias raciais, o que faz que a língua continue a ser um objeto de dominação e de purificação de um projeto colonial (Nascimento, 2019) ainda hoje, com reconfigurações distintas e mascaradas de humor.

A formação e estabilização discursiva

Em primeiro plano, é notório lembrarmos que, de acordo com Bakhtin (2016, p. 12), “cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso”. Pensando nessa estabilização discursiva, convém indicar que tal unidade denominada de gêneros do discurso por Bakhtin (2016) responde a uma ordem ideológica construída por meio das relações sociais dos falantes.

As noções de gêneros do discurso e estabilização discursiva permitem a percepção Bakhtiana de que

o enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, delimitada com precisão pela alternância dos sujeitos do discurso e que termina com a transmissão da palavra ao outro, por mais silencioso que seja o “dixi” percebido pelos ouvintes [como sinal] de que o falante concluiu sua fala (Bakhtin, 2016, p. 29).

Em outras palavras, a alternância entre os sujeitos, presente em diversos campos da atividade humana, impõe limites enunciativos distintos. Tais limitações variam de acordo com as condições e as situações de comunicação. Portanto, conforme Foucault (2007), seria necessário descrever a organização do campo de enunciados em que eles aparecem e circulam.

Para tal, torna-se relevante indicar a disposição geral dos enunciados promovida no século XVII e indicada por Foucault (2007, p. 63):

O que foi modificado no século XVII e vai reger o aparecimento e a recorrência dos conceitos, para toda a história natural, é a disposição geral dos enunciados e sua seriação em conjuntos determinados; é a maneira de transcrever o que se observa e de reconstituir, no fio dos enunciados, um percurso perceptivo; é a relação e o jogo de subordinações entre descrever, articular em traços distintivos, caracterizar e classificar; é a posição recíproca das observações particulares e dos princípios gerais; é o sistema de dependência entre o que se aprendeu, o que se viu, o que se deduz, o que se admite como provável, o que se postula.

Dessa forma, mais do que uma simples alteração de métodos ou técnicas, Foucault (2007) identifica uma transformação profunda na maneira como o conhecimento era organizado e expresso. No centro dessa mudança reside a disposição geral dos enunciados e sua seriação em conjuntos determinados. Isso significa que a forma como os elementos do mundo natural eram descritos e classificados passou por uma reestruturação significativa. Não se tratava apenas de observar e registrar informações, mas de articular essas observações em um sistema coerente, com suas próprias regras e hierarquias.

O autor argumenta que essa nova organização do discurso científico não foi neutra. Ela moldou a maneira como o mundo natural era percebido e compreendido, estabelecendo limites e possibilidades para a investigação científica. Essa transformação teve um impacto profundo no desenvolvimento da ciência e da própria sociedade, cujos efeitos ainda se fazem sentir até hoje.

Outrossim, “o que pertence propriamente a uma formação discursiva e o que permite delimitar o grupo de conceitos, embora discordantes, que lhe são específicos, é a maneira pela qual esses diferentes elementos estão relacionados uns aos outros” (Foucault, 2007, p.66). Foucault (2007, p. 65), indica:

Torna-se possível, enfim, definir os procedimentos de intervenção que podem ser legitimamente aplicados aos enunciados. Esses procedimentos, na verdade, não são os mesmos para todas as formações discursivas; os que são utilizados (à exceção de todos os outros), as relações que os ligam e o conjunto que assim constituem permitem especificar cada uma delas. Tais procedimentos podem aparecer: nas técnicas de reescrita; em métodos de transcrição dos enunciados; os modos de tradução dos enunciados quantitativos em formulações qualitativas e vice-versa; amente perceptivas); os meios utilizados para aumentar a aproximação dos enunciados e refinar sua exatidão; a maneira pela qual se delimita novamente - por extensão ou restrição - o domínio de validade dos enunciados ; a maneira pela qual se transfere um tipo de enunciado de um campo de aplicação a outro; os métodos de sistematização de proposições que já existem por terem sido formuladas anteriormente, mas em separado; ou, ainda, os métodos de redistribuição de enunciados já ligados uns aos outros, mas que são recompostos em um novo conjunto sistemático.

Dessa forma, destaca-se que os enunciados não são entidades fixas, mas sim elementos dinâmicos que podem ser modificados e reconfigurados através de diferentes procedimentos. Essa intervenção é fundamental para a produção de conhecimento e a construção de saberes específicos, e é importante questionar como esses procedimentos podem ser utilizados para legitimar ou contestar diferentes formas de conhecimento e visões de mundo, bem como a relação entre os procedimentos de intervenção nos enunciados e as relações de poder.

A série de procedimentos elencados que podem ser utilizados para intervir nos enunciados não são neutros, mas sim moldados pelas características e objetivos de cada formação discursiva. A perspectiva Foucaultiana contribui para a desnaturalização do conhecimento e a compreensão das relações de poder que permeiam a produção e circulação do saber. Isso, porque, conforme indica Pereira *et al.* (2020 *apud* Moreira; Lima; Batista Júnior, 2021, p.7),

questões relativas a preconceitos, como homofobia, misoginia, racismo, xenofobia, etc ganham ainda mais proeminência nos dias atuais ao serem legitimadas por discursos de grupos hegemônicos que se utilizam da linguagem para naturalizarem relações de opressão e exclusão sistematizadas em diversos gêneros discursivos que permeiam e dão

suporte às relações sociais, especialmente, por meio das tecnologias digitais e mídias de massa.

Metodologia

A proposta metodológica escolhida para subsidiar este trabalho é a pesquisa bibliográfica, bem como a pesquisa de estudo de caso – por meio de análises de memes racistas em redes sociais, em especial, no *TikTok*. Além disso, o estudo caracteriza-se pela sua abordagem qualitativa, de natureza aplicada e exploratória.

Para a proposta de conceituação e análise de informações adotou-se a pesquisa bibliográfica. Já para a coleta de dados, utilizou-se o estudo de caso, com base em recortes discursivos em memes que expressam o racismo em redes sociais. As informações que serviram de base para tal estudo serão obtidas nos acervos *SciElo* (*Scientific Electronic Library Online*) e *Portal de periódicos da CAPES*.

No que tange aos descritores utilizados na pesquisa, esses foram: Ideologias linguísticas; Raciolinguismo; Análise do discurso; Memes racistas. Os critérios de inclusão (CI) utilizados para a seleção dos artigos, estudos primários da revisão, que compuseram essa pesquisa foram os seguintes: CI1 – Os descritores de busca devem estar presentes em qualquer seção dos artigos e livros; CI2 – Artigos publicados em periódicos e/ou livros basilares para a temática; CI3 – Artigos publicados entre 2013 e 2023, exceto as obras basilares para a pesquisa.

Sendo assim, dada a investigação bibliográfica sistematizada, serão examinadas, interpretadas, revisadas e avaliadas expressões racistas utilizadas cotidianamente no português brasileiro, a partir da concepção teórico-analítica aqui adotada. Essas amostras foram coletadas na rede social *Tiktok*, por meio da aba de busca do aplicativo, com os descritores *memes racistas*; *memes de humor negro*; *piadas racistas*. Dessa forma, os memes selecionados foram aqueles considerados *viralizados*, ou seja, os que foram mais assistidos, curtidos, comentados e compartilhados. Os comentários, por sua vez, foram escolhidos pelo número de curtidas e respostas replicadas.

É importante ressaltar que a busca foi realizada salvaguardando a identidade dos usuários, visto que o único intuito é identificar metadiscursos, ideologias linguísticas e contrapalavras que permitam posicionar os usos linguísticos às circunstâncias sociais e raciais. Posteriormente, as amostras foram atreladas à pesquisa bibliográfica, de modo a reiterar as relações socio-histórico-linguísticas existentes.

Nesse sentido, os enunciados produzidos foram selecionados de modo a direcionar nossas discussões, por isso, a análise do *corpus* foi feita a partir de duas categorias mais amplas: o enunciado, no objeto do próprio meme, e a contrapalavra, nos comentários de sujeitos distintos sobre o objeto, observando a relação dialógica entre tais indivíduos, promovendo a estabilização discursiva.

Memes em redes sociais: amostras de disseminação de racismo e as suas contrapalavras

Acredita-se que, comumente, o gênero meme apresenta informações inofensivas que, por seu caráter humorístico, se destacam rapidamente na *internet*, utilizando-se de diversas ferramentas a fim de atender a um propósito humorístico interativo. Contudo, percebe-se que os memes, figuras verbo-imagéticos e textos multimodais, atuam como espaços pelos quais se materializam crenças, valores, atitudes e ideologias supremacistas e excludentes (Moreira; Lima; Batista Júnior, 2021). Recolheu-se, dessa forma, na rede social *TikTok*, memes com discursos racistas viralizados. Como mencionado anteriormente, o objetivo do estudo é reconhecer e discutir como expressões racistas contidas no gênero textual meme em redes sociais, assim como suas contrapalavras, contribuem para a estabilização de discursos racistas.

Para isso, foi feita uma análise dos memes em questão e dos comentários gerados por outros usuários da plataforma, visando observar a dialogia e a alternância de sujeitos na consolidação dos discursos racistas enquanto ordem social naturalizada. Portanto, a análise iniciou-se pelo significado composicional (textual) que está relacionado com a prática discursiva (interação) e a prática sociocultural (social).

Memes com discursos racistas: a palavra

As imagens que seguem são exemplos de enunciados racistas presentes em memes virais da rede social *TikTok*:

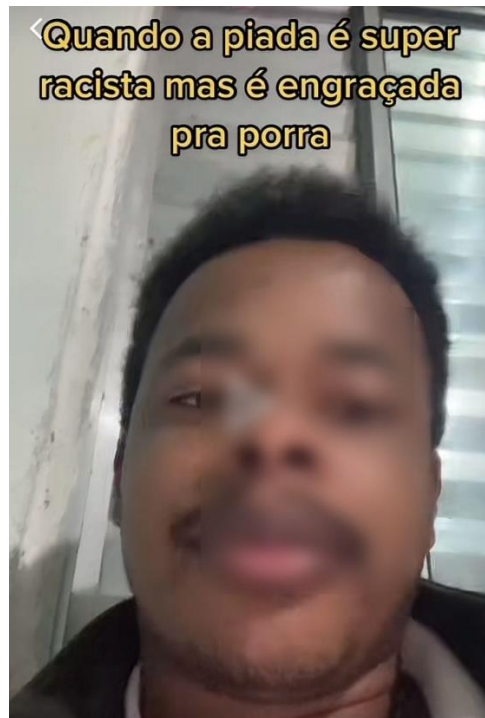


Figura 1 – Meme 1³

O meme acima tem como texto verbal “*Quando a piada é super racista mas é engraçada pra porra*”, na imagem não verbal, observa-se um homem negro. No sentido representacional, apresentam-se as escolhas semióticas do autor do meme para a geração de sentido. Dessa forma, passa-se a considerar que o enunciado representado no meme considera a existência do racismo nas piadas em questão, mas não vê tal critério como sendo empecilho para o seu caráter humorístico.

No caso brasileiro, como é o exemplo acima, o cenário se configura mais complexamente, pois a cor da pele ocupa o lugar central que conecta, organiza e totaliza todos os demais elementos. A cor torna-se sinédoque das relações raciais, como aponta Nascimento (2019). Pensando nisso, o sujeito em questão, um homem negro, tem seu discurso fundido em forma de enunciado pertencente a ele nesse momento, e fora dessa forma não pode existir (Bakhtin, 2016), o que salienta que essa enunciação se consolidou de maneira tão institucionalizada que o próprio indivíduo que sofre tal violência naturaliza esse tópico por uma aceitação do campo enunciativo justificado pela tradição, implícita e explicitamente, introduzidas em enunciados correntes. Sobre isso, Foucault (2007, p. 64) indica:

³ Fonte: Busca própria realizada pela autora (2024).

A configuração do campo enunciativo compreende, também, formas de coexistência. Estas delineiam, inicialmente, um campo de presença; nesse campo de presença, as relações instauradas podem ser da [...] repetição pura e simples, da aceitação justificada pela tradição e pela autoridade, do comentário, da busca das significações ocultas, da análise do erro; essas relações podem ser explícitas ou implícitas e introduzidas nos enunciados correntes.



Figura 2 – Meme 2⁴

As circunstâncias expressas no meme acima (figura 2) indicam um mito discorrido diariamente em falas brasileiras de indivíduos brancos que visam forjar uma impossibilidade de racismo diante de uma relação afetuosa com uma pessoa negra. Dessa forma, conforme essa crença, os dizeres “*amor, como que eu sou racista se meu melhor amigo é preto*”, acompanhados da imagem de um rapaz negro, anulariam qualquer atitude racista da locutora da mensagem.

Nesse sentido, a conjuntura explicitada pela autora do meme evidencia que os sujeitos racialmente hegemônicos usam constantemente suas interpretações semióticas para justificar atos de violência e racismo contra pessoas negras no Brasil (Pinto, 2018). Pensando nisso, consoante Bakhtin (2016), o enunciado satisfaz ao seu objeto (isto é, ao conteúdo do pensamento enunciado) e ao próprio enunciador. Logo, o sujeito enunciador desse discurso reproduz o seu pensamento racista já estabilizado socialmente por meio de

⁴ Fonte: Busca própria realizada pela autora (2024).

falas que superficialmente visariam o contrário, a aproximação emocional com o indivíduo negro, discurso esse muito reproduzido socialmente no Brasil.

Segundo Tavares (2014), o conceito de cordialidade no pensamento de Sérgio Buarque de Holanda, em seu livro – *Raízes do Brasil* (1936) – retrata o aspecto cultural da personalidade brasileira, presente nas relações e vínculos da sociedade. Dessa forma, para ele, a confiança e a intimidade são características típicas da cordialidade e, por isso, uma relação de amizade, como retratada no meme acima, pode ser permeada por comportamentos e discursos ofensivos, mas mascarados de brincadeira devido à intimidade entre as pessoas envolvidas e aos seus laços afetivos, o que relativiza o comportamento racista praticado pela autora do meme.

Portanto, nota-se que a cordialidade retratada pelo autor se manifesta na sociedade brasileira até mesmo em ambientes virtuais. Isso porque a proximidade gerada pelas redes sociais pode acabar proporcionando, também, uma recorrente confusão no imaginário nacional entre o que seria o limite entre o ofensivo e a brincadeira.



Figura 3 – Meme 3⁵

No meme 3, a autora apresenta o texto verbal “*se fosse em 1700, eu te comprava, cê é mó daora*”, e visualmente percebe-se seu cônjuge, um homem negro. Tal apontamento sugere e se referencia ao árduo processo colonial brasileiro, relativizando-

⁵ Fonte: Busca própria realizada pela autora (2024).

o. No que tange a esse ponto, Bauman e Briggs (2003) afirmam que ideologias linguísticas construídas na Europa entre o século XVII e o final do século XIX instituíram modelos linguísticos que não somente justificaram relações de poder, mas também fizeram “parecer que subalternos falavam de modos que faziam sua subordinação necessária” (Bauman, Briggs, 2003, p. 17).

A relação expressa nesse meme indica certa necessidade de subordinação, bem como o texto verbal acima, que coloca a enunciadora em uma posição hierarquicamente superior ao seu marido, por ser branca, evidenciando a subordinação em tratá-lo como mercadoria; processo naturalizado durante a colonização e perpetuado ainda hoje na lógica discursiva já estabilizada socialmente.

Diante do panorama, nota-se que o corpo negro é experimentado e submetido a condições de estigmatização e vulnerabilização advindos de uma ótica colonialista, mas posta em prática e introjetada por ideologias linguísticas que trabalham em favor do estabelecimento de hierarquias raciais, o que faz com que a língua continue a ser um objeto de dominação e de purificação de um projeto colonial (Nascimento, 2019) ainda hoje.

Comentários dos memes racistas: a contrapalavra

As imagens a seguir apresentam comentários feitos sobre os memes da seção anterior. Eles foram escolhidos pois cada enunciado possui um caráter dialógico e de alteridade, logo “toda compreensão plena real é ativamente responsiva e não é senão uma fase inicial preparatória da resposta (seja qual for a forma em que ela se dê)” (Bakhtin, 2016, p. 25).

Acerca disso, Bakhtin indica que

todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa, mas também de alguns enunciados antecedentes - dos seus e alheios- com os quais o seu enunciado entra nessas ou naquelas relações (baseia-se neles, polemiza com eles, simplesmente os pressupõe já conhecidos do ouvinte). Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados (Bakhtin, 2016, p. 26).

Nesse sentido, a compreensão não se limita à recepção passiva de informações, mas sim à ativação de uma resposta, seja ela verbal, gestual ou de outra forma. Essa resposta é moldada pelo contexto da interação, pelas experiências e conhecimentos do indivíduo, e pelos enunciados que o precedem. Outrossim, todo enunciado carrega consigo a marca de outros enunciados, respondendo a eles de diversas maneiras. Essa *resposta* pode se manifestar através da concordância, discordância, crítica, complementação ou simplesmente da referência a enunciados anteriores, e “recursos como os memes verbo imagéticos artefatos culturais híbridos, proliferados intensamente pela rede, figuram entre as possibilidades mais recorrentes em situações dialógicas” (Moreira; Lima; Batista Júnior, 2021, p. 3).



Figura 4 – Comentários sobre o meme 1 (parte 1)⁶

Inicialmente, pontua-se que tais comentários foram feitos em relação ao meme 1 (figura 1), constituído de um homem negro como enunciador de um discurso que considera piadas racistas como engraçadas. O primeiro comentário – “*Sabe qual a velocidade do escuro? Depende da velocidade da viatura*” – traz a palavra *escuro* como sinônimo de pessoa negra, fazendo, concomitantemente, alusão à velocidade com que uma pessoa preta correria de uma viatura policial. Sendo assim, tal nomenclatura apresenta-se atrelada ao racismo estrutural, que criminaliza corpos negros mesmo quando inocentes, bem como escancara a violência policial racista. Quando se observa tal contexto, o enunciador dessa contrapalavra se põe em um lugar em que cabe ironizar situações de violência racial.

⁶ Fonte: Busca própria realizada pela autora (2024).

Já o segundo comentário – “*Não existe piada com racismo engraçada pra MIM*” – é um dos raros que apresentam certo combate ao suposto humor dessas piadas. No entanto, o enfoque no pronome pessoal oblíquo *MIM* indica que é uma possibilidade que esse enunciador não veja problemas no fato de outras pessoas verem humor em piadas com racismo.

O terceiro comentário, por sua vez, aparentemente foi realizado por um sujeito negro, que diz: “*Eu rio com a maioria das risada racista man, meus amigo sem cor se superam a cada segundo*”. Assim como o enunciador do próprio meme, o comentarista se coloca em uma posição em que merece ouvir esse tipo de piada e ainda a percebe como engraçada, visto que, para ele, há humor em ressaltar o racismo. Além disso, a locução adjetiva *sem cor* pode indicar que esse sujeito pensa que é possível cometer o mesmo ato com pessoas brancas, o conhecido mito do racismo reverso.

Observando o caráter das contrapalavras em questão, verifica-se a não neutralidade do signo, tanto em indivíduos brancos como em não-brancos. Sobre isso, Blommaert (2006, p. 511) infere que os termos nunca são neutros, mas sim “avaliativos, relacionais, socialmente posicionados, investidos com interesses e objeto para contestação e dominância”.

Pensando nisso, a linguagem se configura como uma corrente complexa de enunciados interligados, cada um respondendo ao anterior e contribuindo para a construção do significado. Essa corrente não é linear, mas sim ramificada e multifacetada, com diversos enunciados se entrelaçando e dialogando entre si.

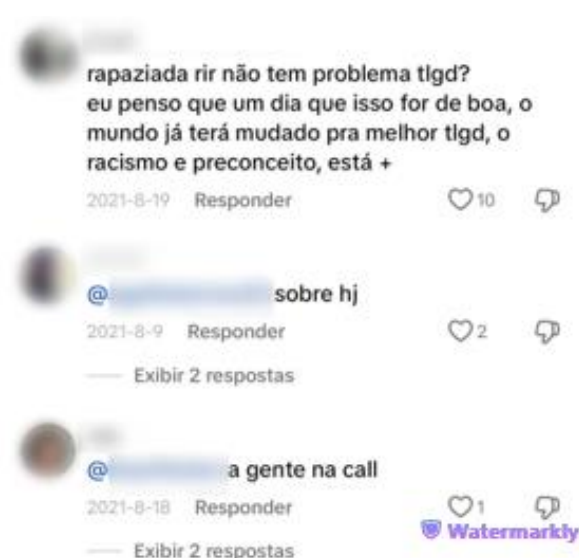


Figura 5 – Comentários sobre o meme 1 (parte 2)⁷

Ainda acerca do meme 1 (figura 1), o comentário: “*Rapaziada rir não tem problema tlgd? Eu penso que um dia que isso for de boa, o mundo já terá mudado pra melhor tlgd, o racismo e preconceito, está+*” pode apontar certo nível de consciência sobre a não neutralidade do enunciado, uma vez que dá a entender que isso ainda não é aceitável. Entretanto, a fala “*rir não tem problema*” aponta a relativização de expressões racistas em memes, bem como a naturalização desse processo. Isso porque as avaliações feitas sobre o uso da língua e sobre o que pode ser considerado humorístico ou não “estão diretamente ligadas à posição que ocupam as pessoas que a usam, refletindo totalmente a estrutura colonial de dominação” (Batista, 2021, p. 88).

Já os comentários “*@marcação sobre hj*” e “*@marcação a gente na call*”, apresentam um desdobramento do enunciado, uma vez que esses usuários marcam conhecidos/amigos e dialogam acerca de acontecimentos cotidianos de suas vidas, expressos por “*sobre hj*” e “*a gente na call*”, o que permite concluir que o racismo presente dos discursos se manifesta em todas as esferas sociais e atividades humanas, saindo do virtual a perpassando a realidade desses usuários.

**Figura 6** – Comentários sobre o meme 2⁸

No que tange ao meme 2, que indica verbalmente “*amor, como que eu sou racista se meu melhor amigo é preto*”, este traz como contrapalavra principalmente usuários fazendo a marcação de outros, que são seus amigos, como forma de identificação. No

⁷ Fonte: Busca própria realizada pela autora (2024).

⁸ Fonte: Busca própria realizada pela autora (2024).

entanto, algo que chama a atenção é a quantidade de piadas com traços discursivos apelativamente racistas, mesmo o meme não evocando ou solicitando tal tipo de *comichidade*. Portanto, dois dos discursos escolhidos foram: “*sabe oq mais brilha no preto? A algema*” e “*sabe por quê o chocolate preto fica do lado de fora do Kinder Ovo? Pra não roubar o brinquedo KKKKKK*”.

Ao observar o texto verbal de ambas as contrapalavras, é possível, mais uma vez, notar a criminalização de corpos negros, como se a pessoa negra estivesse etnicamente determinada a cometer crimes. Pensando nisso, o primeiro comentário indica que nada na pele preta pode brilhar mais que uma algema, limitando a existência negra a um objeto metálico que deveria deter pessoas criminosas, ao passo que o segundo comentário indica que objetos devem se manter distantes e fora do alcance de pessoas pretas para que não sejam furtados.

Uma análise atenta do tipo de contrapalavra que foi gerada em um meme que não solicitava este tipo de piada provoca reflexões que evidenciam que os muitos direitos já conquistados pelas lutas dos movimentos negros no Brasil ainda não são suficientes para mitigar esse discurso ou gerar nos leitores contrapalavras que se ofendem com ideologias racistas engendradas na língua. Acerca disso, Fairclough (2001), já indicava que a prática discursiva recorre a convenções que naturalizam relações de poder e ideologias particulares, e as próprias convenções e os modos como se articulam são um foco de luta.

De acordo com Tavares (2014), o comportamento cordial, segundo o pensamento buarquiano, resulta num tipo de convívio que busca estabelecer intimidade e superação de distâncias socialmente construídas. Dessa forma, com o desenvolvimento de novas tecnologias de comunicação, ocorreu a superação das distâncias físicas e o ambiente virtual tornou-se um terreno fértil para que a cordialidade brasileira fosse novamente reforçada. Tal pensamento pode ser observado com vigor nas contrapalavras geradas pelo meme acima, visto que diversas *piadas* foram contadas em forma de comentários, reforçando que essa conduta foi incorporada como típica do jeito cordial brasileiro, o qual cria laços afetivos e íntimos em todas as esferas, mesmo que isso represente ser deliberadamente racista.



Figura 7 – Comentários sobre o meme 3 (parte 1)⁹

Os comentários acima foram feitos sobre o meme 3 (figura 3), que apresenta o texto verbal “*se fosse em 1700, eu te comprava, cê é mó daora*”. O primeiro enunciado versa: “*o tipo de humor q faz uma vida valer a pena... melhores pessoas*”. Tal contrapalavra indica explicitamente uma inabilidade ou recusa deliberada de se colocar no lugar do outro. Essa postura revela uma falta de humanidade que alimenta a discriminação e a injustiça, reforçada ainda por um comentário favorável realizado pelo criador do meme.

Já a segunda contrapalavra apresenta: “*Sim, agora q ele tem livre arbítrio e opinião própria n quis mais ficar cmg...preferia se fosse nesse tempo antigo pra obrigar ele*”. O que está subentendido enganosamente no teor cômico desse comentário desvenda os processos coloniais do racismo no Brasil que perpassam séculos. Através desse enunciado, o enunciador expõe mazelas sofridas pelos negros, não apenas durante a escravidão, mas também nos dias de hoje, em uma sociedade ainda marcada pela exclusão.

Acerca desse processo de coexistência do campo enunciativo, principalmente pelas relações instauradas pela aceitação justificada pela tradição (notoriamente racista) e o comentário gerado pela relação dialógica da enunciação, expõe Foucault (2007, p. 64):

A configuração do campo enunciativo compreende, também, formas de coexistência. Estas delineiam, inicialmente, um campo de presença; nesse campo de presença, as relações instauradas podem ser da [...]

⁹ Fonte: Busca própria realizada pela autora (2024).

repetição pura e simples, da aceitação justificada pela tradição e pela autoridade, do comentário, da busca das significações ocultas, da análise do erro; essas relações podem ser explícitas ou implícitas e introduzidas nos enunciados correntes.



Figura 8 – Comentários sobre o meme 3 (parte 2)¹⁰

Relativo, ainda, ao meme 3 (figura 3), foram coletados os três comentários acima. O primeiro apresenta o texto verbal: “*Eu só não faço isso pq eu também estaria no mercado kkkkk*”. Essa afirmação coloca também o enunciador dessa contrapalavra no grupo de pessoas negras, mas, assim como no meme 1 (figura 1), isso ainda não é motivo para que o ilusório caráter cômico do meme seja motivação para uma contrapalavra reativa que vise minimizar o racismo consolidado socialmente. Na realidade, o que ocorre é o contrário, sujeitos que sofrem com tal violência se colocando no lugar do eu-branco, em uma falha tentativa de se aproximar do eu-ropeu, branco e homem, do lugar colonial de privilégio. Isso acontece porque “a constituição discursiva da sociedade não emana de um livre jogo de ideias nas cabeças das pessoas, mas de uma prática social que está firmemente enraizada em estruturas sociais materiais, concretas, orientando-se para elas” (Fairclough, 2001, p. 93).

O segundo comentário nos mostra: “*Isso não dá processo não?!*”. Essa construção enunciativa, pela primeira vez, exhibe uma opinião que coaduna com o princípio de interdição do discurso, de Foucault:

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é a interdição.

¹⁰ Fonte: Busca própria realizada pela autora (2024).

Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa (Foucault, 1996, p. 15).

A contrapalavra emitida acima indica que o enunciador possui conhecimento de que esse tipo de comentário pode perpassar aspectos humorísticos para muitos, no entanto, não se tem o direito de dizer isso nessa circunstância, pois seria crime passível de processo judicial. Tal percepção é ignorada ou desconhecida pela maioria dos outros indivíduos respondentes do meme, muito pela errônea percepção de que o que ocorre na *internet* não resulta em ações cíveis ou criminais.

Sobre isso, Sales Junior (2006, p. 235) aponta que o discurso racista ocorre por “silêncios, implícitos, denegações, injúrias, ironias, discursos oblíquos, figuras de linguagem, trocadilhos, chistes, frases feitas, provérbios, piadas e injúria racial, microtécnicas de poder, funcionando num registro informal e passional”. Esse processo “marca e demarca o corpo sem o uso direto da violência física, isso é feito por meio do açoite da injúria ou da impressão a fogo pela piada” (Sales Junior, 2006, p. 233).

Portanto, torna-se imprescindível nos questionar: será que esses memes são apenas brincadeiras inofensivas ou banalizam a dor de grupos subalternizados? É sensato e ético ignorar as possíveis ideologias presentes na língua? É exagero considerar que seu humor esconde racismo por meio de construções enunciativas? As contrapalavras geradas em outros usuários reforçam o racismo ainda latente no cotidiano? Através do pensamento crítico e reflexivo, podemos auxiliar a transformar as relações e as práticas sociais para construir uma sociedade mais justa e equitativa?

Considerações finais

A discussão apresentada neste artigo visou expor de que forma o humor, assimilado às práticas linguísticas virtuais, auxilia na perpetuação e reestruturação de discursos racistas, os quais são tão naturalizados que passam despercebidos, gerando a contrapalavra racista. As redes sociais, em especial o *Tiktok*, que aqui hospedou os memes analisados, tornam-se um espaço fértil para esses discursos e contradiscursos, pois são lugar de interação e consolidação de práticas sociais subjetivas.

Por meio das análises feitas, notou-se que a apropriação da imagem do negro é feita para inferiorizá-lo, ridicularizá-lo e vulnerabilizá-lo socialmente. Para isso, são utilizados memes de linguagem mista com posicionamentos ditos engraçados para o

branco, para o eu-ropeu subordinador, em seu lugar de prestígio e privilégio. O contraditório é que, por vezes, o próprio não-branco encontra comicidade nesse tipo de postagem, por pensar, equivocadamente que pode ser ou se comportar com um branco, na tentativa de se tornar “mais normal e civilizado à medida em que se tornava mais parecido com o branco” (Fanon, 2008, p. 51), quando na realidade age como uma massa alienada de fortalecimento do racismo estrutural.

No entanto, o que parece ser descontração e piada gera uma dinâmica de contrapalavra dos interlocutores que articula um movimento perigoso e violento; aquele que coloca o negro em uma posição de obrigatoriamente ruim, feio, inferior, ridículo, reconfigurando as práticas racistas travestidas de humor e de validação por relacionamentos com pessoas pretas com frases como *como eu posso ser racista se meu amigo é negro?*

Dado isso, verificou-se, a partir dessa breve análise, que todo tipo de recurso pode fortalecer o racismo, até mesmo figuras que parecem ser inocentes e humorísticas. Elas existem somente para reforçar e reconfigurar as formas de dominação racistas na sociedade brasileira, perpetuando-as em todos os ambientes sociais. Sua disseminação gera contrapalavras de sujeitos que se sentem à vontade para violentar o outro por meio da língua, pois “há uma relação de sustentação entre a língua e a coletividade” (Fanon, 2008, p. 49), e, apesar de muitas vezes não ser percebida ou considerada como ação coletiva, essa associação pode desencadear um repudiante crescimento do *racismo recreativo* no país.

À vista disso, é fundamental que o ambiente virtual deixe de ser um perpetuador de discursos racistas. Para isso, ações devem ser tomadas, como a disseminação *online* de autores e obras que discutam histórica e criticamente o conceito de raça e racismo, ao mesmo tempo em que preceitos antirracistas sejam fortalecidos. Além disso, o combate ao racismo nas contas privadas de cada usuário é imprescindível, e isso pode ser feito por meio da utilização dos mecanismos de denúncia a esse tipo de conteúdo. No entanto, nota-se que essas atitudes exigem persistência e a adoção de uma postura antirracista que se opõe a manifestações de discursos racistas tanto no ambiente virtual como presencial.

Por conseguinte, é esperado que tal discussão seja relevante não apenas como forma de denúncia do racismo, mas também para uma atitude crítica e reativa a esses tipos de comportamentos sociais, mesmo nas suas formas mais veladas. Ademais, espera-se que esse estudo seja notório no ambiente acadêmico para a produção de novas

pesquisas acerca do tema, haja vista a relevância social de se discutir sobre as relações racistas enviesadas pela língua.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Paulo Bezerra (Organização, Tradução, Posfácio e Notas); Notas da edição russa: Seguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BATISTA, T. E. P. Intersecções entre ideologias linguísticas e raciolinguísticas na manutenção de hierarquias raciais. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 60, n. 1, p. 82–95, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8661799>. Acesso em: 24 jun. 2022.
- BAUMAN, R.; BRIGGS, C. **Voices of Modernity: language ideologies and politics of inequality**. Cambridge: University Press, 2003.
- BLOMMAERT, J. Language Ideology. In: Brown, K. (org.). **Encyclopedia of Language & Linguistics**, vol. 6, p. 510-522. 2006.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Coord. trad. rev. técnica e pref. I. Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.
- FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- LIMA, J. dos S. **Expressões racistas no gênero meme: um estudo intervencionista em aulas de língua portuguesa**. 2023. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Engenharia, Letras e Ciências Sociais do Seridó, Programa de Mestrado Profissional em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Currais Novos, RN, 2023.
- MOREIRA, A. P.; LIMA, A. M. P.; BATISTA JÚNIOR, J. R. L. Memes Nego – o discurso racista (des)velado na composição multimodal. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 1–24, 2021. DOI: 10.25189/rabralin.v20i2.1888. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1888>. Acesso em: 16 jul. 2024.
- NASCIMENTO, G. **Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem**. Belo Horizonte: Letramento. 2019.
- PINTO, J. P. Ideologias linguísticas e a instituição de hierarquias raciais. **Revista ABPN**. v. 10, Ed. Especial - Caderno Temático: Letramentos de Reexistência, p.704-720, janeiro de 2018.

SALES JR., R. Democracia racial: o não-dito racista. **Tempo social**, v. 18, n. 2, p. 229-258, 2006.

TAVARES, D. N. O reforço do “homem cordial” nas conexões entre senadores e cidadãos nas redes sociais online. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 60, p. 110-128, abr. 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i60p110-128>.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem/ Valentin Volóchinov; tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo, 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2021.

Como referenciar este artigo:

MONTEIRO, Isabella Ohana Chagas; COSTA, Alexandre Ferreira da. O poder da contrapalavra: a estabilização de discursos racistas em memes. **revista Linguasagem**, São Carlos, v.48, n.1, p. 408-432, 2025.

Submetido em: 06/01/2025

Aprovado em: 20/02/2025